

PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES E A REDE SOCIAL DOS INFORMANTES

Elisa Battisti¹

Adalberto Ayjara Dornelles Filho²

João Ignacio Pires Lucas³

Nínive Magdiel Peter Bovo⁴

ebattist@ucs.br

aadornef@ucs.br

jiplucas@ucs.br

nmpeter@bol.com.br

RESUMO: A palatalização das oclusivas alveolares é processo variável que, em Antônio Prado (RS), apresenta uma frequência total de aplicação de 29%. É favorecido por vogal alta fonológica /i/ (a redução de /e/ átono em Antônio Prado é baixa) e jovens habitantes da zona urbana do município. Embora haja um aumento na frequência de palatalização com o declínio da idade do informante, as taxas se estabilizam nas faixas etárias mais jovens, o que leva a crer que a regra em Antônio Prado não seja variação num processo de mudança, mas alternância que tenda a estabilizar-se no sistema lingüístico em índices modestos. A análise da rede social dos informantes revela que a relação em rede de informantes da zona rural de Antônio Prado sustenta o emprego de alternantes conservadoras, no caso, a variante não-palatalizada. Os de zona urbana participam de redes densas, porém os laços interindividuais são menos íntimos, assim menos reforçadores de um falar local, possibilitando o emprego de alternantes menos conservadoras, a variante palatalizada na análise. A configuração das redes sustenta-se em práticas sociais histórica e sócioeconomicamente motivadas, aspectos que também explicam as características do próprio município de Antônio Prado, que vive um momento de transição entre o tradicional e o moderno, mas que preserva com alguma força o tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: palatalização das oclusivas alveolares; análise da rede social dos informantes; análise de regra variável.

¹ Universidade de Caxias do Sul – UCS, Departamento de Letras.

² Universidade de Caxias do Sul – UCS, Departamento de Matemática e Estatística.

³ Universidade de Caxias do Sul – UCS, Departamento de Sociologia.

⁴ Escola Adventista de Caxias do Sul, Mestre em Letras-Lingüística e Cultura Regional (UCS).

INTRODUÇÃO

A palatalização variável das oclusivas alveolares em português (tipo~tʃipo, dica~dzica, dente~dentʃi, onde~ondʒi) caracteriza falares brasileiros (Hora,1990; Bisol, 1991; Almeida, 2000; Pagotto, 2001) senão por seu predomínio, por índices relativamente baixos de aplicação. Essa é a situação em Antônio Prado, município gaúcho com cerca de 14.000 habitantes, situado na antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS)⁵, onde a frequência total de palatalização é de 29%. No estudo em andamento⁶, com dados do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, UCS) e conforme a sociolinguística quantitativa (Labov 1972, 1994, 2001) aliada ao estudo da variação linguística como prática social (Eckert, 2000), a análise da rede social dos informantes (Milroy, 1980, 2002; Milroy e Milroy, 1992) auxilia a investigar e compreender não só essa frequência de palatalização, como o uso da língua no contexto social, na comunidade em questão.

Redes sociais são representações da morfologia da organização social (Castells, 1999), no que concerne à extensão dos nós da rede – os contatos interindividuais – e à densidade da relação entre os nós – a qualidade das relações interindividuais. Focalizá-la não significa desprezar outros parâmetros de estruturação das relações sociais, mas realizar uma análise transversal a esses parâmetros. Desde os anos 70 do século passado, a rede social, enquanto categoria de pesquisa, tem permitido realizar análises menos comprometidas com generalizações universais e mais próximas à dimensão do cotidiano. Por ser mais flexível do que classe, por exemplo, em relação à dinâmica das relações sociais, possibilita ao pesquisador acompanhar as diferentes comunidades de prática de que as pessoas fazem parte. Já um parâmetro como o de classe social é mais estático, pois está ligado a fatores objetivos, menos maleáveis, como propriedade, renda, escolaridade, etc.

⁵ A Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS) designa a área geográfica a nordeste do estado onde foram assentados imigrantes italianos no final do século XIX. Sabbatini e Franzina (1977), que empregam termo correspondente (Região de Colonização Italiana), explicam que a RCI-RS abrange especificamente as áreas das ex-colônias de natureza pública, fundadas entre 1875 e 1892, na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Atualmente, 55 municípios localizam-se nesse território, entre eles Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos, Veranópolis.

⁶ *Variação linguística e sociedade: a palatalização das oclusivas alveolares como prática social em Antônio Prado-RS* (UCS-DELE/Mestrado em Letras e Cultura Regional), investigação coordenada por Elisa Battisti (bolsista CNPq, processo 304066/2005-2) que conta com a participação dos autores do presente artigo .

A possibilidade de integrar a análise de rede ao estudo da variação lingüística de vertente laboviana foi explorada primeiramente por Milroy (1980). A autora investigou variação vocálica no vernáculo de Belfast (Irlanda) e verificou que o emprego das variantes só poderia ser explicado, no que se refere ao componente social, pela estrutura da rede, uma vez que características como bairro e *status* social eram as mesmas para os informantes considerados. Concluiu que, com as redes sociais, conhecem-se padrões e conflitos das comunidades que possibilitam ao investigador “account for systematic differences in language use between individuals, and between subgroups in the population of communities which, in terms of social status, are relatively homogeneous.”⁷ (Milroy, 1980: 17).

Neste artigo, relatam-se resultados do estudo de palatalização⁸ acima referido. A análise de rede viabiliza o alcance de um dos objetivos do estudo, o de esclarecer o papel desempenhado pelo relacionamento em rede dos informantes na difusão (ou não) da regra de palatalização. Considerando-se rede social, a hipótese é a de que, distinguindo-se informantes da zona urbana de informantes da zona rural de Antônio Prado, os habitantes dessa última participam de redes sociais mais densas, que promovem a coesão local e sustentam o emprego de alternantes conservadoras, no caso, a variante não-palatalizada. Os de zona urbana, contrariamente, participam de redes menos densas, menos reforçadoras de um falar local, promovendo o emprego de alternantes menos conservadoras.

Inicialmente, faz-se uma revisão de Milroy (1980, 2002) e de trabalhos de outros estudiosos, que fundamentam a análise de rede. Após, caracteriza-se Antônio Prado para, em seguida, relatarem-se brevemente os resultados da análise de regra variável realizada. Finalmente, passa-se à análise da rede social dos informantes relativamente à frequência de palatalização, complementada por análises estatísticas de correlação elaboradas com o auxílio do *software* SPSS⁹.

⁷ Dar conta das diferenças sistemáticas no uso da linguagem entre indivíduos e entre subgrupos da população os quais, em termos de *status* social, são homogêneos.

⁸ Embora a investigação compreenda análise quantitativa de dados de fala, observação de práticas sociais, análise crítica de ideologia nas entrevistas sociolingüísticas e análise da rede social dos informantes, apenas os resultados dessa última serão aqui apresentados. Os resultados das análises associadas serão referidos se necessário.

⁹ Statistical Package for Social Sciences, pacote de programas estatísticos empregados em ciências humanas e sociais (www.spss.com).

1. ANÁLISE DE REDE SOCIAL NOS ESTUDOS (SOCIO)LINGÜÍSTICOS

Aplicada ao estudo da linguagem, a análise de rede pode auxiliar a esclarecer os mecanismos sociais diários que levam os indivíduos a manter sua modalidade de fala, ou seja, que reforçam seu comportamento lingüístico.

Conforme Evans (2004), as redes apresentam diferenças em sua configuração em duas dimensões, a da *densidade* e a da *plexidade*¹⁰. A densidade refere-se à quantidade de contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem umas às outras, maior sua densidade. Uma rede em que poucos indivíduos conhecem-se mutuamente é uma rede frouxa, de baixa densidade. Essa é a dimensão da *estrutura* da rede (ver Figura 1).

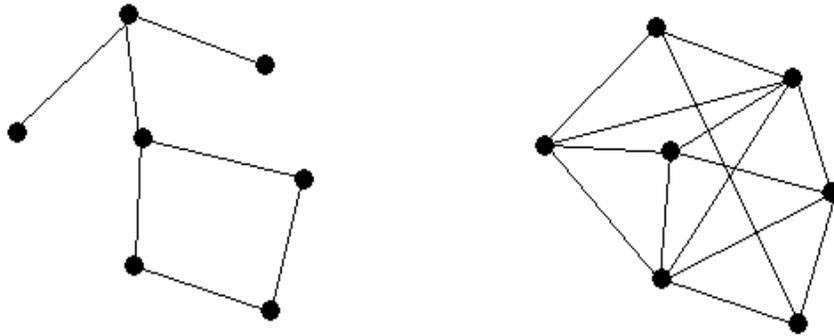


Figura 1 – Estrutura da rede. À esquerda, uma rede pouco densa (poucos contatos).
À direita, uma rede muito densa (muitos contatos).

Já plexidade diz respeito ao *conteúdo* da rede. Nessa dimensão, importa o fato de os membros da rede conectarem-se uns aos outros por mais de um tipo de relacionamento (colega de trabalho e, ao mesmo tempo, vizinho). Uma rede na qual os indivíduos se relacionam de múltiplas maneiras é uma rede *multiplexa*, enquanto que uma rede na qual os indivíduos se relacionam de uma única maneira é *uniplexa* (ver Figura 2).

¹⁰ Do inglês *density* e *plexity*, respectivamente.



Figura 2 – Conteúdo da rede. À esquerda, uma rede de baixa plexidade (apenas dois indivíduos possuem mais de um tipo de contato). À direita, uma rede de alta plexidade (muitos indivíduos possuem mais de um tipo de contato).

Uma forma de dar conta da densidade da rede é, como fizeram Blake e Josey (2003), considerar a força dos relacionamentos dos indivíduos em rede. Ao replicar em Martha’s Vineyard (subúrbio de Nova Iorque, EUA) o estudo pioneiro de Labov (1972), os autores controlaram quatro graus de interação peculiares ao grupo de (16) informantes. O primeiro e mais intenso grau de interação supõe comunicação diária e instancia-se em relacionamentos no trabalho, escola ou em casa; o último e menos intenso é o de pessoas que sabem da existência umas das outras, mas não interagem. No presente estudo, sobre palatalização e rede em Antônio Prado, a densidade da rede foi controlada como Blake e Josey (2003), através de graus de relacionamento, mas, como veremos (seção 3), foram três, e não quatro os graus considerados, em respeito aos padrões de interação da comunidade.

As redes sociais são *ancoradas* nos indivíduos. Li Wei (1996) afirma que, por essa razão, geralmente interessam às análises as *redes de primeira ordem* (Figura 3), os laços estabelecidos entre pessoas que interagem diretamente, o que limita a um número entre 20 e 50 o total de participantes da rede analisada. Na zona de primeira ordem, distinguem-se laços fortes de laços fracos: “ties which connect friends or kin opposed to those which connect acquaintances” (Milroy, 2002: 550)¹¹.

¹¹ Laços que conectam amigos e parentes àqueles que conectam conhecidos.

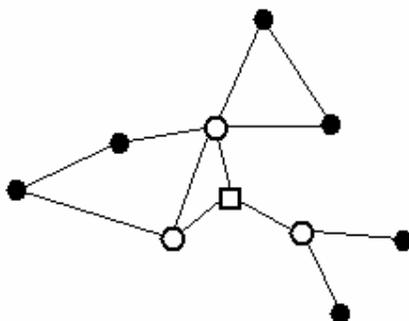


Figura 3 – Rede de primeira e segunda ordem. Um indivíduo (□) possui contatos (○) com os quais forma sua rede de primeira ordem. Os contatos de seus contatos (●) integram sua rede de segunda ordem.

Evans (2004) observa que as redes sociais são consideradas de duas formas nas análises: como (a) um sistema de relações pessoais que tem efeitos sobre os indivíduos e influencia seu comportamento, ou (b) uma série de relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. A primeira, conforme a autora, é a mais frequentemente adotada pelos sociolinguistas, o que se faz também neste trabalho.

Dentre os estudos realizados por sociolinguistas e registrados na literatura, o de Milroy (1980) é sem dúvida o mais influente. Milroy (1980) faz uma análise da modalidade não-padrão do irlandês falado em três bairros de classe trabalhadora¹² de Belfast, no que se refere aos padrões variáveis de realização vocálica, predominantemente. A cuidadosa quantificação da variação, correlacionada à rede social dos informantes, revelou que a predominância de alternantes não-padrão reflete os padrões de interação social das comunidades em redes densas, multiplexas.

Um aspecto importante no trabalho de Milroy (1980) diz respeito ao território e à mobilidade em relação a ele, o que se vincula, por sua vez, ao sentimento de pertença dos indivíduos a uma comunidade, ao grau de identificação com um grupo. Conforme Milroy (1980: 14), “membership of a group labelled ‘lower-middle class’ does not necessarily form an important part of a person’s definition of his social identity.”¹³ Se a identidade estiver envolvida no emprego de uma variante lingüística, indicando filiação a um grupo, a comunidade em que essa identidade se constitui deve corresponder a um grupo coeso ao qual as pessoas tenham consciência de pertencer. A autora complementa: “Unlike the more abstract social classes, these groups [lower-middle

¹² Do inglês *working-class neighborhoods*.

¹³ Pertença a um grupo rotulado ‘classe média baixa’ não necessariamente forma parte importante da definição de uma pessoa de sua identidade social.

class] always have a strong territorial basis.”¹⁴ (Milroy, 1980: 14). Ou seja, não é a classe baixa o que determina o emprego de variantes não-padrão, mas identidade de grupo que, por sua vez, nasce de uma coesão originada pelas próprias condições de sobrevivência do grupo, de suas práticas sociais, que se dão basicamente num único território. Os bairros de classe trabalhadora investigados por Milroy em Belfast, como os de outras grandes cidades européias e norte-americanas, são habitados por pessoas que, em função de limitadas condições sócio-econômicas, não apresentam grande mobilidade territorial. Interação socialmente no próprio bairro, o que contribui para que desenvolvam um forte sentimento de pertença a ele, como se fossem os proprietários daquela área da cidade. Esse sentimento de pertença ao bairro, e o valor social (positivo) a ele atribuído, Milroy denomina *localismo*.

Esse sentimento nasce de valores simbólicos na área construídos, é uma manifestação dependente do território na medida em que a contigüidade física, a vida na vizinhança e as interações sociais ali realizadas diariamente sustentam as normas sociais, entre elas as de uso lingüístico. Por isso grupos de baixo *status* social, a despeito da pressão para adoção do código-padrão, mantêm o vernáculo, percebido como um símbolo poderoso da identidade do grupo que, adotado, indica lealdade à comunidade. No modelo de Milroy, então, os indivíduos que empregam as variantes menos prestigiadas interagem com maior freqüência dentro de um território definido. No grupo, os contatos de uma pessoa conhecerão uns aos outros, integrando uma rede social densa, e quase sempre multiplexa, o que sustenta e explica a emergência das variantes.

Quanto aos indivíduos de alto *status* social, Milroy (1980) afirma que, nas grandes cidades, as redes sociais dessas pessoas são mais abertas no sentido de que elas se movem para além das fronteiras de seu território, e assim os membros de uma rede não conhecem uns aos outros. Os habitantes de bairros que não os de classe trabalhadora, pela baixa densidade das redes que integram, estabelecem uma consciência de grupo difusa, não orientada por um localismo. Não são normas interacionais locais o que rege as relações entre esses indivíduos, mas uma supranorma, representada lingüisticamente pela modalidade-padrão da língua, pouco permeável ao vernáculo, mas receptiva a mudanças socioeconomicamente prestigiadas.

Considerando-se território e mobilidade, os questionamentos que se apresentam

¹⁴ Diferentemente das classes sociais mais abstratas, esses grupos [de classe média baixa] sempre têm uma forte base territorial.

acerca da palatalização e rede social em Antônio Prado dizem respeito ao *status* dos informantes: a que grupos pertencem, prestigiados ou desprestigiados socialmente? É prestígio o que distingue os grupos? Como interagem? Esse padrão de interação permite que se desenvolva o sentimento de pertença denominado por Milroy (1980) de localismo? Responder a esses questionamentos requer saber mais sobre o município em seus aspectos históricos e socioeconômicos. As informações contidas na próxima seção mostrarão que Antônio Prado está em transição entre o tradicional e o moderno/contemporâneo. Em decorrência disso, prestígio e desprestígio social não se associam a embates internos à comunidade pradense, mas ao que vem de fora, como resultado da incorporação de Antônio Prado à sociedade contemporânea. É assim que os jovens, com mais escolaridade e da zona urbana, são introdutores de mudança; os informantes de característica oposta, mantenedores do tradicional.

2. ANTÔNIO PRADO

Antônio Prado localiza-se a 182 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e a 61 km de Caxias do Sul, maior cidade do interior do estado (ver Figura 4). O município, com uma área de 347,6 km², tem uma população estimada em 14.344 habitantes¹⁵, dos quais 65,2 % habitam a zona urbana.



Figura 4 – Localização dos municípios de Antônio Prado, Caxias do Sul e Porto Alegre.

¹⁵ Estimativa do IBGE para 2006. www.ibge.gov.br. Acesso em 21/05/07.

A localidade se autodenomina a *cidade mais italiana do Brasil*, tendo assim se registrado em 2005 no Instituto de Registros de Marcas e Patentes.

Antônio Prado teve uma formação sociohistórica exógena. A população foi implantada em uma região isolada e ali permaneceu, pela precariedade das vias de comunicação com o restante do estado, o que se fez sentir em boa parte de sua história. Isso contribuiu para desenvolver-se no município um localismo (*não-globalizado*, nos termos de Santos, 2000¹⁶) semelhante ao descrito por Milroy (1980).

Antônio Prado foi a sexta e última das colônias italianas criadas na serra gaúcha. A pedido de D. Pedro II, o então imperador do Brasil, as terras devolutas próximas ao Rio das Antas foram demarcadas em 1885 a fim de que se criasse um novo núcleo de colonização. No ano seguinte, ali estabeleceram-se os primeiros dos mil colonos que vieram para a localidade saídos da atual Caxias do Sul. A esse novo lugar foi dado o nome Antônio Prado em homenagem ao fazendeiro paulista que, como Ministro da Agricultura da época, promoveu a vinda dos imigrantes italianos ao Brasil, em sua maioria moradores do norte da Itália, instalando núcleos coloniais também no Rio Grande do Sul.

Por situar-se na RCI-RS, Antônio Prado teve seu surgimento e desenvolvimento marcados por padrões característicos à colonização italiana e que estão na raiz de seu localismo não-globalizado. Destacam-se a religiosidade na prática do catolicismo, a escolarização da população, as práticas agropecuárias realizadas em micropropriedades, inicialmente para subsistência, posteriormente para comercialização.

No início, a colônia era um centro de comércio que abastecia os campos de Vacaria e levava para a capital a produção e o artesanato das pequenas propriedades¹⁷. Elevado a município em 1899, Antônio Prado teve seu desenvolvimento freado dada a inexistência ou precariedade das vias de acesso ao estado e ao restante do país, levando a cidade, apesar de suas potencialidades, à quase total estagnação econômica ao longo do século XX. Na década de 40, com o traçado da rodovia federal BR-116 desviado

¹⁶ Segundo o autor, *localismo globalizado* representa a situação de uma determinada comunidade que consegue difundir globalmente produtos e processos que reforcem sua identidade local e que garantam ganhos econômicos e políticos, além de potencializar a preservação de sua própria identidade. No *globalismo localizado* tem-se o contrário: a comunidade acaba sendo fortemente influenciada por outras comunidades a ponto de abrir mão parcial ou totalmente de sua identidade original, perdendo também nesse processo poder e recursos econômicos. No final, produtos e processos semelhantes estão presentes nas duas situações, mas as localidades que conseguem produzir mais do que receber (localismo globalizado) lucram mais, obtêm mais poder e recursos econômicos globais.

¹⁷ Conforme www.acisaprado.com.br. Acesso em 21 de maio de 2007.

para Caxias do Sul, o isolamento passou a ser sentido ainda mais fortemente do ponto de vista socioeconômico¹⁸. Os minifúndios, já bastante subdivididos, obrigaram os descendentes a migrarem, movimento que se intensificou também pela necessidade de aprimoramento dos jovens, que se evadiram para municípios maiores para realizar estudos e não retornaram a Antônio Prado.

O desenvolvimento do município só foi retomado a partir da melhoria de suas vias de acesso. O asfaltamento da rodovia estadual RS-122 foi concluído em 1993 no trecho de Antônio Prado a Flores da Cunha, e em 1999 de Ipê (município vizinho a Antônio Prado) a Vacaria, finalmente ligando o município à BR-116 e amenizando o isolamento da comunidade. Um processo de transição se inaugura, hoje instanciado em fatos como o desenvolvimento industrial e a infraestrutura das zonas urbana e rural.

O marco inicial da indústria de Antônio Prado foi o estabelecimento em 1946 de um engenho de cana-de-açúcar. Hoje o município se sustenta com a indústria madeireira e moageira. Em 2001, o município possuía um orçamento de R\$ 11.581.730,00 e o Produto Interno Bruto era de R\$ 169.461.113,00. Atualmente o município tem cerca de 60% de sua economia baseada na indústria¹⁹, principalmente na moageira (36,4%), e comércio. O 40% restantes advêm da agropecuária.

Todas as residências do meio rural dispõem de eletrificação. Para manutenção e expansão de seus minifúndios, os pequenos proprietários contam com a mão-de-obra dos membros da família. Há apoio de diversos órgãos²⁰ no desenvolvimento dos empreendimentos. Apesar da produção agrícola estar bastante diversificada, os produtos de maior representatividade são uva e milho, seguidos por pêssego, maçã e tomate. É interessante notar que, pela localização relativamente marginal no processo de modernização da agricultura, a região serrana onde se localiza Antônio Prado ainda dispõe de uma parcela das variedades tradicionais de sementes, em grau maior do que em outras áreas do Rio Grande do Sul.

Sobre a educação no município, os imigrantes trataram de obtê-la assim que instalados. Como não havia nenhum professor disponível que falasse a língua portuguesa, as aulas eram ministradas em italiano, com material fornecido pela inspetoria da imigração. Assim, as primeiras escolas eram rurais, organizadas pelos

¹⁸ Idem.

¹⁹ Moageira, moveleira, vinícola, frigorífica, oleira, serralheira, metalúrgica, têxtil, calçadista, coureira, panificadora, gráfica e de tubos de saneamento.

²⁰ Sindicatos e cooperativas: Cooperativa Agro-Pecuária Pradense, Cooperativa Avícola Nordeste, Lacesa, Inspetoria Veterinária, entre outros.

próprios moradores que também as mantinham. Quando não havia recursos para a construção de uma escola, o salão da capela servia de sala de aula. A primeira escola particular pradense era católica e foi fundada em 1900. Só em maio de 1911 é que o município legalizou as 24 escolas que já estavam em funcionamento, boa parte na zona rural. O período letivo era organizado conforme as necessidades da agricultura e os professores não tinham formação específica. No ano de 1950, inaugurou-se na cidade o primeiro curso ginásial. Exceto por um pólo de Educação à Distância da Universidade de Caxias do Sul, com a oferta de Pedagogia a professores das redes de ensino ainda sem titulação exigida, Antônio Prado não possui universidade, os jovens e outros interessados em cursos superiores que não o de Pedagogia necessitam deslocar-se diariamente a outros municípios, geralmente Caxias do Sul, razão pela qual se criou uma associação, a Associação Pradense dos Universitários, para viabilizar transporte coletivo em horários especiais.

Quanto à religiosidade, quase a totalidade da população (95%) é católica²¹. Como nos demais municípios povoados por imigrantes italianos, inicialmente as igrejas eram o centro da vida social pradense. As comunidades organizavam-se em torno de capelas construídas coletivamente, cujo papel foi decisivo na aglutinação dos imigrantes. Os padres ajudavam-nos a superar a saudade e a adaptar-se à nova cultura, além de receberem as declarações de registros de terra, nascimento, casamento e óbitos. Passados 120 anos da chegada dos imigrantes, as capelas continuam a fazer parte da vida dos pradenses, principalmente os de zona rural, cujos minifúndios ainda são identificados por seu pertencimento a uma dada capela²². Nessas comunidades, as capelas continuam a ser o local de práticas religiosas e sociais, que agregam os habitantes e assim contribuem para reforçar laços territorialmente circunscritos, embora de alguns desses eventos sociais participem também pradenses de zona urbana.

O turismo é um tipo de negócio que hoje o município procura explorar. Mesmo reforçador do localismo, o turismo constitui mais um fator de modernização, de rompimento com o padrão tradicional de isolacionismo. Antônio Prado possui 48 casas de madeira e alvenaria²³ tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1989. É o maior acervo de arquitetura italiana em todo o país.

²¹ Fonte: www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 21/05/07.

²² Há 35 capelas fora do perímetro urbano de Antônio Prado.

²³ Em <http://www.antonioprado.com/casastombadas.php> é possível ver as casas tombadas, saber sobre seu histórico e fazer um passeio virtual pelas casas.

Apesar de serem casas simples, de moradia, o valor se dá pelo conjunto. O município também promove eventos voltados à comunidade e a turistas. No segundo semestre do ano realiza-se a *Noite Italiana*, evento que ocorre desde 1981 para resgatar a cultura dos imigrantes fundadores. É possível degustar queijo, salame, polenta frita e brustolada²⁴, galeto e vinho e dançar músicas tradicionais italianas e gaúchas. Paralelamente, na praça Garibaldi, ocorre a *Feira do Artesanato Pradense*. Outra atração bianual que movimentava o turismo na cidade é a *Mostra del Paese*. Trata-se de um evento comercial e cultural que conta com a exposição de diversas indústrias dos setores moveleiro e alimentício, além de confecções, couros, peles, vinícolas, bebidas, máquinas agrícolas e automotivas, artesanato e empresas dos segmentos do comércio e serviços.

Afora as festas com fins turísticos, Antônio Prado não possui outras celebrações de caráter coletivo e lúdico de que os habitantes participem. Na zona rural ocorrem as festas de capela, uma missa geralmente seguida de almoço em que se serve comida italiana e cujo objetivo é homenagear o santo padroeiro e angariar recursos para a comunidade. Neles ainda é possível presenciar a prática da fala dialetal italiana, principalmente entre os interlocutores mais velhos.

Os encontros sociais, quer na zona rural, quer na zona urbana, dão-se em torno da família. Nas entrevistas sociolinguísticas dos informantes considerados no estudo de palatalização, é comum o relato da visita semanal ao pai e à mãe ou a parentes pelo menos no domingo, quando a família almoça juntamente.

O município não possui cinema, teatro, *shopping center*. Os jovens²⁵ freqüentam uma pizzaria da cidade e uma sorveteria aos finais-de-semana, e eventualmente vão a um baile/festa no único clube pradense. Ir a baladas e bares em municípios vizinhos também é uma opção. Os universitários, que em sua maioria moram na zona urbana, deslocam-se diariamente a municípios vizinhos, o que lhes possibilita interação fora dos limites de Antônio Prado.

Que repercussões as atuais práticas sociais dos pradenses têm sobre a fala? Melhor dizendo, em que quadro de práticas sociais insere-se hoje a palatalização, fenômeno linguístico de interesse aqui? Na análise quantitativa da palatalização que se fez, incorporaram-se intuições que se pode ter no convívio com pradenses. Os jovens do município – os mesmos que, como se viu, apresentam maior mobilidade em relação ao

²⁴ Italianismo equivalente a sapecado, tostado (cf. Battisti et al., 2006).

²⁵ Observação participante, em andamento.

território de Antônio Prado – , se bilíngües, são passivos (compreendem, mas não praticam a fala dialetal italiana). Em sua maioria são monolíngües-português, e aparentemente, num simples exercício de oitiva, palatalizam mais do que os idosos. Nesses últimos ainda se percebe sotaque italiano quando da fala em língua portuguesa. São idosos, geralmente habitantes da zona rural de Antônio Prado, os bilíngües português-fala dialetal italiana remanescentes. Veremos a seguir que as variáveis **Idade** e **Local de Residência** dos informantes mostraram-se significativas à palatalização, resultados que se buscou compreender subsequente à análise quantitativa, através da análise de rede social dos informantes.

3. ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Como já referido na Introdução, o estudo da palatalização em Antônio Prado envolveu inicialmente análise conforme os procedimentos da sociolinguística quantitativa laboviana. Foram 48 os informantes do BDSer considerados na análise, 24 de zona rural, 24 de zona urbana, dos gêneros masculino e feminino e de quatro faixas etárias (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos), numa proporção de três informantes por célula. Das 48 entrevistas levantaram-se 26.598 contextos de palatalização, e a regra aplicou-se em 29% desses contextos, isto é, verificaram-se 7.971 ocorrências de palatalização.

Controlaram-se três variáveis sociais – **Gênero**, **Idade**, **Local de Residência** (zona urbana ou zona rural) – e cinco linguísticas – **Contexto Fonológico Precedente e Seguinte**, **Status da Vogal Alta** (fonética ou fonológica), **Posição da Sílabas na Palavra** e **Tonicidade da Sílabas**. Das variáveis controladas, mostraram-se estatisticamente significativas²⁶ em todas as rodadas realizadas as variáveis sociais **Idade** e **Local de Residência**, e a variável linguística **Status da Vogal Alta**, cujos resultados serão apresentados e brevemente discutidos a seguir.

Na Tabela 1, os valores de peso relativo obtidos no controle da variável **Idade** mostram o papel favorecedor das faixas etárias 15 a 30 anos e 31 a 50 anos à aplicação da regra de palatalização (0,76 e 0,75, respectivamente):

²⁶ Ao nível de 0,05.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
15 a 30	2426/5708	42	0,76
31 a 50	3223/7448	43	0,75
51 a 70	1873/7185	26	0,46
71 ou mais	449/6257	7	0,09
TOTAL	7971/26598	29	

Input 0,198 Significância 0,030

Tabela 1- Resultados da variável **Idade**.

A faixa etária 51 a 70 anos apresenta papel neutro (0,46) em relação à regra, e a faixa etária 70 ou mais anos claramente desfavorece a palatalização (0,09). Esses resultados confirmam a hipótese inicial de que jovens, mais do que idosos, promovem o processo. Vale notar, no entanto, a aproximação dos valores das faixas etárias 15 a 30 anos e 31 a 50 anos, criando uma oposição entre informantes com menos de 50 anos e com mais de 50 anos. Duas perguntas são inspiradas por esses resultados: é possível afirmar que palatalização é mudança em progresso em Antônio Prado? E por que jovens palatalizam mais do que idosos? Chambers (2002) e suas considerações sobre padrões de variação auxiliam a responder a primeira questão. Já a resposta à segunda questão é em parte sugerida por cruzamentos de **Idade** com uma variável não-controlada na análise quantitativa laboviana, **Escolaridade**.

Quando a variação é parte de um processo de mudança, seu correlato primário é idade. Nas palavras de Chambers (2002: 355), “change reveals itself prototypically in a pattern whereby some minor variant in the speech of the older generation occurs with greater frequency in the middle generation and with still greater frequency in the youngest generation.”²⁷ Isso é o que se verifica nos resultados obtidos, não só se considerados os valores dos pesos relativos, mas também as frequências relativas, expostas na Tabela 1. A palatalização é mínima na faixa dos 70 ou mais anos, aumenta na faixa dos 51 a 70 anos, e é ainda mais freqüente na faixa dos 31 aos 50 anos, o que se repete na faixa dos 15 a 30 anos. Essa associação entre **Idade** e **Frequência de Palatalização** foi detectada estatisticamente: existe uma correlação negativa de -0,571 (significância inferior a 0,001) entre as variáveis **Idade** e **Frequência de Palatalização**, isto é, quanto maior a idade do informante, menor a frequência de palatalização, como mostra o diagrama de dispersão do Gráfico 1.

²⁷ A mudança revela-se prototipicamente em um padrão onde uma variante menor na fala da geração mais velha ocorre com maior frequência na geração intermediária e com ainda maior frequência na geração mais jovem.

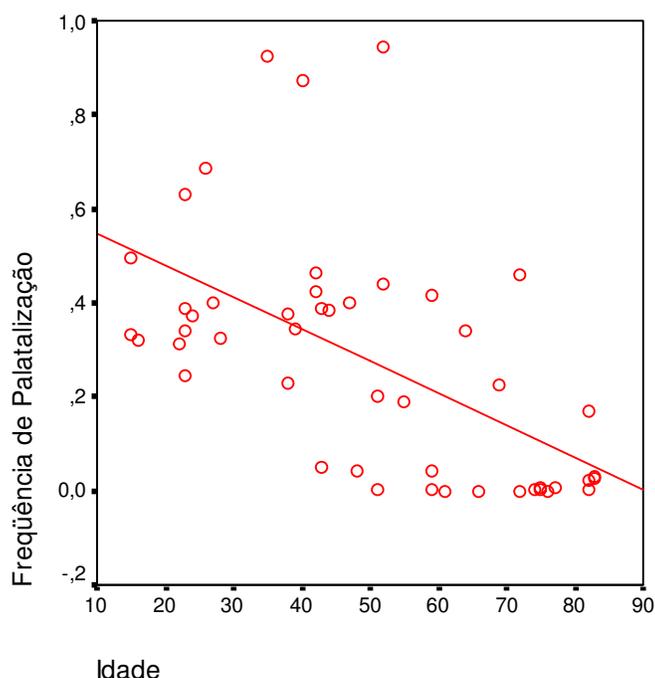


Gráfico 1 – Diagrama de dispersão **Idade e Frequência de Palatalização**. Cada ponto representa um informante. A reta indica a tendência de decréscimo da frequência de palatalização com o aumento da idade.

Apesar da correlação negativa entre **Idade e Frequência de Palatalização**, é preciso levar em conta o declínio que se verifica nas faixas 15 a 30 anos e 31 a 50 anos: de uma estabilidade inicial na fala dos idosos (70 ou mais anos) e um rápido aumento de palatalização nas faixas etárias intermediárias (de 51 a 70 anos para 31 a 50 anos), as frequências voltam a se estabilizar na faixa etária dos mais jovens (15 a 30 anos). Esse padrão, quase uma curva em S, é característico de processos de mudança que se completam. No caso da palatalização em Antônio Prado, no entanto, é indicativo de variação que se estabiliza antes de a mudança se instanciar, uma vez que a frequência total de aplicação não é alta (29%, como já afirmamos) e não há aumento entre as duas faixas etárias mais jovens, com índices de frequência em torno de 40%. Tudo leva a crer, portanto, que palatalização em Antônio Prado não seja variação num processo de mudança, mas alternância que tenda a estabilizar-se no sistema lingüístico em índices modestos.

A oposição urbano-rural também é significativa para a palatalização em Antônio Prado. Na Tabela 2, os resultados da análise de regra variável confirmam outra hipótese inicial: informantes urbanos condicionam favoravelmente a aplicação da regra de

palatalização. Os informantes rurais, opostamente, desfavorecem o processo.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
Zona Urbana	4840/13592	35	0,61
Zona Rural	3131/13006	24	0,38
TOTAL	7971/26598	29	

Input 0,198 Significância 0,030

Tabela 2 - Resultados da variável **Local de Residência**.

Acredita-se que esses resultados relacionem-se a práticas sociais distintas realizadas pelos dois grupos de informantes. Por exemplo, os afazeres nos minifúndios rurais de Antônio Prado, como em propriedades similares em outros municípios da RCI-RS, prescindem de alto grau de escolarização, principalmente da frequência a Cursos Superiores. Além disso, como já afirmado anteriormente, exceto pelo pólo de EAD da UCS que atende a um número restrito de alunos (oferta de Pedagogia a profissionais das redes de ensino), não há Instituição de Ensino Superior em Antônio Prado. Os jovens pradenses que cursam faculdade necessitam deslocar-se a outros municípios, o que se torna ainda mais difícil a quem habita a zona rural e tem que acrescentar ao trajeto também o trecho de ida ao centro de Antônio Prado. O cruzamento com uma variável não controlada na análise quantitativa laboviana, **Escolaridade**, mas registrada nas fichas sociais dos informantes, mostra o peso das práticas sociais associadas à escolarização na variação em questão, entre alternantes palatalizadas e não-palatalizadas. A correlação entre **Frequência de Palatalização** e **Escolaridade** é mais intensa entre os informantes de zona urbana (+0,541) do que entre os informantes de zona rural (+0,069). A correlação na zona urbana é por si só significativa (0,005), enquanto na zona rural, não (0,753). No Gráfico 2 visualiza-se a razão disso: há aumento de frequência de aplicação da regra de palatalização com o aumento de escolaridade para os informantes de zona urbana, o que não ocorre com os informantes de zona rural.

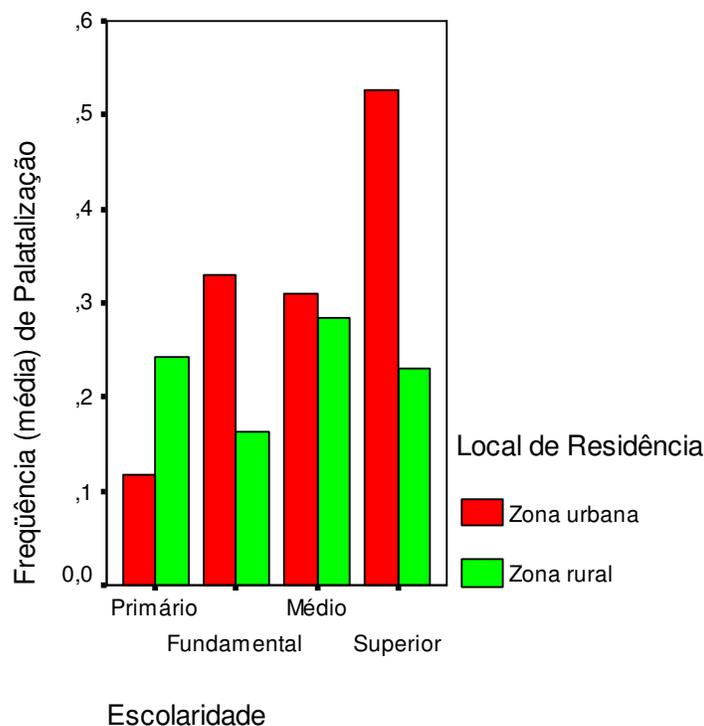


Gráfico 2 – Médias de **Frequência de Palatalização** por grau de **Escolaridade** e **Local de Residência**.

Essas diferenças nas práticas sociais urbanas e rurais e seu impacto na aplicação das regras de palatalização, comprovadas na correlação com **Escolaridade**, também se verificam no relacionamento em rede entre os informantes, como se verá na seção seguinte.

A variável lingüística **Status da Vogal Alta** foi selecionada em todas as rodadas, pela clara oposição entre vogal alta fonológica e vogal alta fonética, como mostram os resultados da Tabela 3:

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
Alta fonológica (mentira)	5665/9544	59	0,88
Alta fonética (gente)	2306/17054	13	0,24
TOTAL	7971/26598	29	

Input 0,198 Significância 0,030

Tabela 3 - Resultados da variável **Status da Vogal Alta**.

A maior parte dos contextos levantados envolve vogais médias candidatas a altas fonéticas, isto é, vogais médias /e/ átonas passíveis de sofrerem redução para [i]. Embora em vários falares brasileiros essa alteração seja muito freqüente e assim crie contexto para a regra de palatalização, a redução não é alta em Antônio Prado. Roveda

(1998) investigou a regra aplicada às vogais /e/ e /o/ átonas finais em Chapecó e Flores da Cunha, esse último um município da RCI-RS como Antônio Prado. Nessa posição da palavra e no que se refere apenas a /e/, a autora verificou índices de frequência de redução de 71% em Chapecó e 64% em Flores da Cunha, sendo que, relativamente a Florianópolis e Porto Alegre, ambos os municípios apresentam-se como desfavorecedores da redução de /e/ átono final. Esse comportamento é atribuído pela autora ao contato com a fala dialetal italiana ainda praticada nos municípios em questão, o que teria como consequência a preservação de /e/ átono final em razão de, na língua italiana e seus dialetos, uma mudança de vogal média para alta poder ter valor morfológico, o que seria estendido pelos bilíngües ao português. Acredita-se que a situação seja a mesma em Antônio Prado, embora, vale registrar, não seja apenas [e] o fone realizado.

Além de, por exemplo, [i'dade], com [e], uma alternante com vogal reduzida e ensurdecida, [i'dadi], com [i], também pode ser verificada em Antônio Prado, porém sem que haja palatalização da oclusiva. É o que se comprovou com o controle da realização de /e/ átono na fala de 16 dos 48 informantes considerados no presente estudo de palatalização²⁸, se preservado ou reduzido. Retomando os contextos candidatos a alta fonética considerados na análise de regra variável, *mas em que não houve palatalização*, verificou-se uma frequência total de preservação de /e/ de 70%, contra 30% de redução. Isso permite afirmar que a palatalização em Antônio Prado não apenas tenda a aplicar-se diante de /i/, mas praticamente restrinja-se ao contexto de vogal alta fonológica.

O fato de variáveis sociais, mais do que as lingüísticas, terem mostrado papel na aplicação da regra de palatalização em Antônio Prado é por si só significativo. O condicionamento maior não é estrutural, é extralingüístico, representado pelo caráter favorecedor das variáveis **Idade** e **Local de Residência** na análise, e pela possível correlação dessas com outras variáveis como **Escolaridade**, por exemplo. Resta investigar o papel das interações diárias entre os indivíduos em sua associação a esse caráter favorecedor, para responder à pergunta que daí naturalmente surge: por que jovens de zona urbana favorecem a palatalização? Por que, antes que indícios de uma

²⁸ Estudo paralelo ao de palatalização, e em andamento, realizado exclusivamente pelos bolsistas de iniciação científica - Natália Brambatti Guzzo (PIBIC/CNPq), Sabrina Pasticelli (BIC/Fapergs), Vanessa Bertuol (BIC/UCS), Gabriel Duso Matté (BIC/UCS), acadêmicos de Letras da UCS e orientandos de Elisa Battisti.

mudança em progresso, tem-se em Antônio Prado sinais de que a palatalização vá se estabilizar em frequências moderadas? Veremos, através da rede de interações diárias dos indivíduos, que o novo, o que vem de fora (palatalização), difunde-se através dos contatos entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que a estrutura e conteúdo desses contatos não viabilizam a difusão massiva do novo, sustentando o que é local (não-palatalização).

4. PALATALIZAÇÃO E REDE SOCIAL DOS INFORMANTES

A rede dos 48 informantes considerados no estudo da palatalização em Antônio Prado foi analisada em ambas as dimensões, da densidade e da plexidade. Essa última foi contemplada, como fizeram Blake e Josey (2003), pelo controle dos graus de relacionamento interindividual. As informações consideradas, de natureza cultural e voltadas às práticas, foram obtidas junto aos informantes e complementadas com o conteúdo das entrevistas sociolinguísticas e das fichas sociais dos informantes. Relacionamentos familiares e entre colegas de trabalho são os mais relevantes na comunidade pradense, variando neles o grau de intimidade dada a natureza/frequência da interação. O Quadro 1 traz os graus de relacionamento utilizados na análise: 1, 2 e 3, do mais íntimo ao menos íntimo, em conformidade com os padrões locais.

<p>1. Primeiro grau 1A – Marido/mulher 1B – Pais/filhos 1C – Colega de trabalho com interação</p> <p>2. Segundo grau 2A – Tios/sobrinhos/primos/cunhados 2B – Amigos íntimos 2C – Vizinho íntimo 2D – Colega de associação com interação</p> <p>3. Terceiro grau 3A – Amigo não-íntimo 3B – Vizinho não-íntimo 3C – Colega de trabalho sem interação 3D – Colega de associação sem interação 3E – Tios/sobrinhos/primos/cunhados</p>

Quadro 1 - Graus de relacionamento em rede em Antônio Prado.

A rede social dos informantes foi formada a partir da realização das próprias

entrevistas sociolinguísticas, quando um informante indicava outro conforme as características sociais de interesse²⁹. Quando não foi possível obter essa indicação, os pesquisadores, através de seus contatos na comunidade, entrevistaram pradenses com as características exigidas, a eles perguntando, subsequente, se conheciam os demais informantes já entrevistados e que espécie de relacionamento mantinham com cada um.

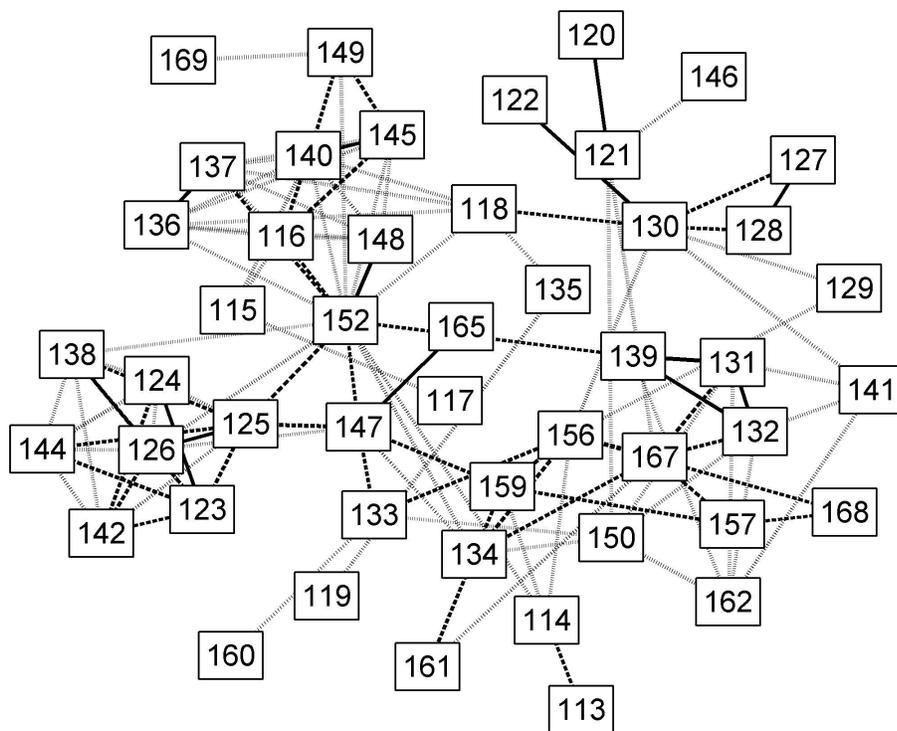


Figura 5 – Rede social dos 48 informantes de Antônio Prado considerados no estudo de palatalização. Os números identificam o informante conforme seu registro no BDSer.

A rede social pesquisada é mostrada na Figura 5. Cada informante é representado por um retângulo (com o seu número de registro no BDSer), linhas contínuas unem informantes com relacionamento de primeiro grau, linhas tracejadas, informantes com relacionamento de segundo grau e linhas pontilhadas, informantes com relacionamento de terceiro grau.

²⁹ Como afirmado no início do artigo, as entrevistas utilizadas neste estudo pertencem ao BDSer, que seleciona os informantes em cada município conforme os critérios **Gênero** (Masculino, Feminino), **Idade** (15 a 30 anos; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos; 71 ou mais anos), **Escolaridade** (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos; 12 ou mais anos) e **Local de Residência** (Zona urbana e Zona rural). O BDSer, cuja constituição iniciou-se em agosto de 2000, conta hoje com 55 entrevistas de Caxias do Sul, 55 de São Marcos e 57 de Antônio Prado.

A rede integra informantes de zona urbana e rural. Percebe-se, já na visualização da rede, que o conhecimento mútuo dos informantes é predominante, o que confirmam cálculos de frequência. A Tabela 4 mostra as frequências de contato na rede, discriminados por grau de contato:

Grau	Rede Total	Zona Urbana	Zona Rural	Inter-zonas
Grau 1	12 (10%)	6 (13%)	5 (14%)	1 (3%)
Grau 2	38 (34%)	11 (24%)	13 (36%)	14 (45%)
Grau 3	63 (56%)	29 (63%)	18 (50%)	16 (52%)
Total	113 (100%)	46 (100%)	36 (100%)	31 (100%)

Tabela 4 – Frequências de contatos na rede

Os 48 informantes da rede total de Antônio Prado interagem entre si através de 113 contatos. Se considerarmos apenas os 24 informantes residentes na zona urbana, esses interagem entre si por 46 contatos. Se considerarmos apenas os 24 informantes residentes na zona rural, esses interagem entre si por 36 contatos. Os informantes residentes na zona urbana interagem com os residentes da zona rural por 31 contatos. Como mostra a Tabela 4, a maior parte dos contatos (56%) é de grau 3, seguidos pelos de grau 2 (34%) e de grau 1 (10%). No entanto, essas proporções não se mantêm as mesmas se observarmos as redes de zona urbana e rural separadamente (Figuras 6 e 7).

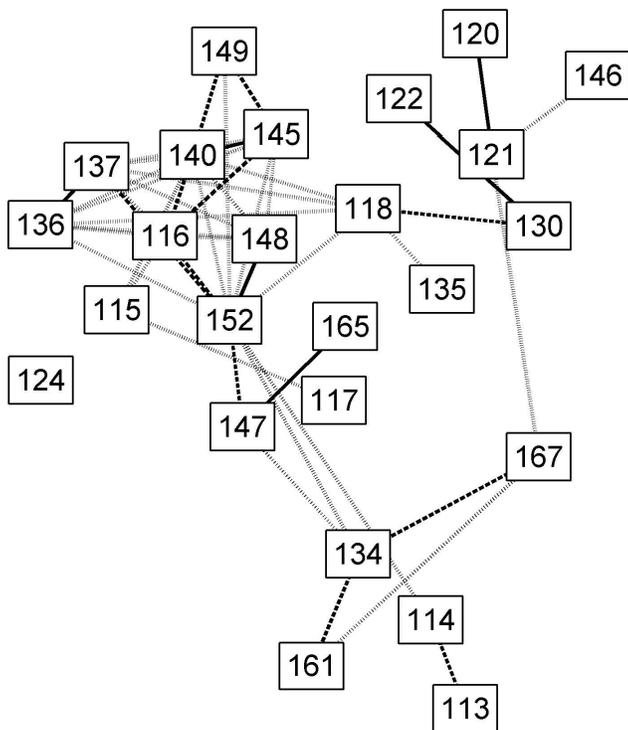


Figura 6 – Rede social dos informantes, zona urbana.

Comparativamente, há mais contatos de grau 3 na rede da zona urbana (63%) do que na zona rural (50%); da mesma forma, há menos contatos de grau 2 na rede da zona urbana (24%) do que na zona rural (36%) revelando uma rede urbana com relacionamentos menos íntimos do que os da rede rural.

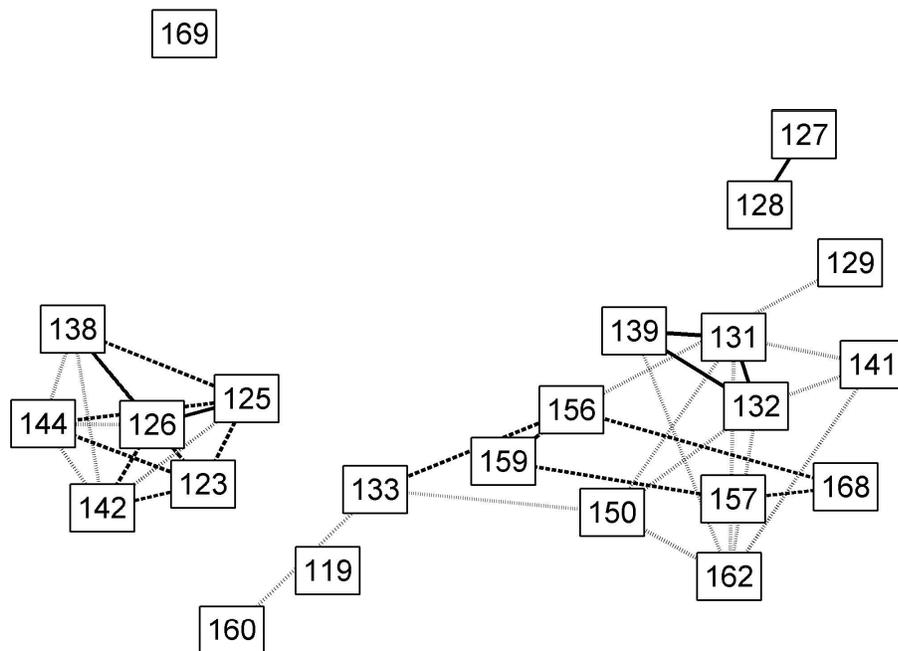


Figura 7 – Rede social dos informantes, zona rural.

Ainda, a rede de zona urbana é um pouco mais densa (1,84 contatos por informante, em média) do que a rede da zona rural (1,56 contatos por informante, em média). Como mostram as figuras 6 e 7, a rede da zona urbana é conexa enquanto a rede da zona rural não, formando sub-redes.

Esses fatos relacionam-se aos resultados da variável **Local de Residência**, da análise quantitativa laboviana: a zona urbana, favorecedora da palatalização, apresenta laços entre os informantes que não fortalecem um vernáculo local. Já na zona rural a qualidade dos relacionamentos é distinta e, como se vê, pode explicar o caráter desfavorecedor da área à aplicação da regra de palatalização.

Na zona rural, os laços mais íntimos, reforçadores do vernáculo local e desfavorecedores da palatalização, decorrem das práticas diárias dos habitantes dessa área do município e justificam-se por sua história social: como se viu (seção 2), a zona rural de Antônio Prado é extensa e pouco populosa. Nela predominam os minifúndios de mão-de-obra familiar. Situados em localidades distantes umas das outras, organizadas em torno de capelas, esses minifúndios são produtivos, garantindo a

sobrevivência da família e sua permanência no local. Eventualmente, alguns trabalhadores são contratados, em épocas de maior demanda (colheita da uva, por exemplo). Por isso as redes reúnem familiares e vizinhos, que são parentes e também colegas de trabalho, cenário em que o localismo de Milroy (1980) floresce, embora aqui não se esteja na periferia de um grande centro urbano, como na pesquisa que a lingüista fez em Belfast.

Procurando aprofundar a investigação do papel da rede social na palatalização em Antônio Prado, examinou-se a correlação entre a **Frequência de Palatalização** de cada informante e a **Frequência de Palatalização dos Contatos**, isto é, a média (ponderada pelo grau de relacionamento) da frequência de palatalização dos seus contatos diretos (sua rede de primeira ordem, como mostrado na Figura 3). Essa correlação mostrou-se positiva (0,342) e significativa (0,017). Essa correlação indica que o modo de falar de um dado informante tende a acompanhar, a ser similar ao modo de falar dos seus contatos na rede, como mostra o Gráfico 3. Neste estudo, a correlação positiva confirma a idéia de que indivíduos que palatalizam relacionam-se uns com os outros em rede, compartilhando essa dentre outras práticas sociais quando em interação.

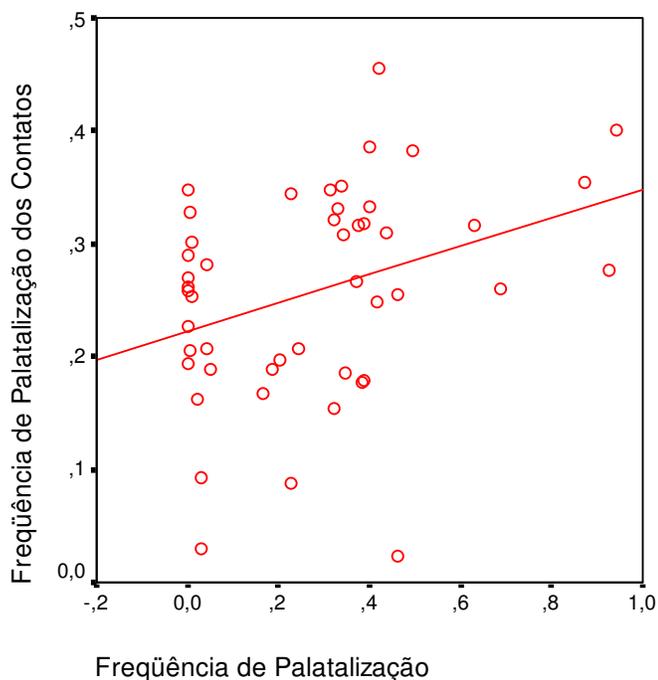


Gráfico 3 – Diagrama de dispersão Frequência de Palatalização e Frequência de Palatalização dos Contatos.

Verifica-se também a existência de correlação negativa de -0,449 (significância 0,001) entre a **Frequência de Palatalização dos Contatos** de um informante e sua **Idade**, isto é, quanto maior a idade do informante menor é a frequência de palatalização dos seus contatos na rede. Esse fenômeno, em parte, é explicado pelas correlações já mencionadas **Frequência de Palatalização x Frequência de Palatalização dos Contatos**, e **Frequência de Palatalização x Idade**. No entanto, é interessante notar que quando os dados são agrupados por **Local de Residência**, a correlação **Frequência de Palatalização dos Contatos x Idade** é mais intensa (-0,607) e significativa (0,002) entre residentes na zona rural, enquanto menos intensa (-0,370) e não-significativa (0,068) entre residentes na zona urbana (Gráfico 4).

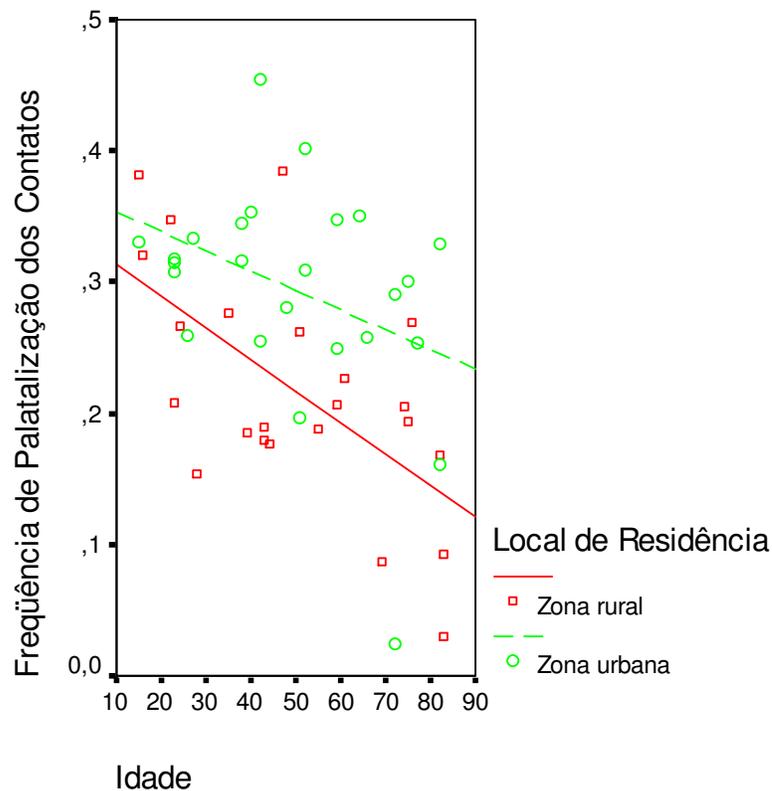


Figura 9 – Gráfico de dispersão **Frequência de Palatalização dos Contatos** e **Idade**, agrupados por **Local de Residência**.

Esses resultados mostram que, em termos gerais, a aplicação da regra de palatalização relacionada a interações em rede segue uma mesma tendência – palatalização menos frequente entre interlocutores quanto mais avançada sua idade – tanto na zona rural quanto na zona urbana. A diferença na intensidade da correlação

(maior na zona rural), no entanto, comprova não só a pertinência da divisão rural-urbano para a análise da palatalização em Antônio Prado, como também a hipótese de que a regra variável insere-se em quadros de práticas sociais distintos em cada uma das áreas. Esses quadros, a um só tempo, explicam comportamentos específicos (jovens de zona urbana favorecem a palatalização) e a tendência geral da comunidade (estabilização da alternância palatalização/não-palatalização em índices modestos). As interações em rede na zona urbana, em sua estrutura densa e qualidade menos íntima, difundem o novo, a palatalização; as interações em rede na zona rural, também densas mas mais íntimas e configurando sub-redes, mantêm o tradicional, a não-palatalização. É da tensão entre esses padrões interacionais em rede e a conseqüente difusão ou bloqueio à regra que resulta, entre outros, a estabilização da alternância no sistema verificada neste estudo.

4. CONCLUSÃO

O estudo realizado confirma a hipótese inicial de que a relação em rede de informantes da zona rural de Antônio Prado, densa e multiplexa em graus íntimos de relacionamento interindividual, sustenta o emprego de alternantes conservadoras, no caso, a variante não-palatalizada. Os de zona urbana também participam de redes densas, porém os laços interindividuais são menos íntimos, assim menos reforçadores de um falar local, possibilitando o emprego de alternantes inovadoras, a variante palatalizada nesta análise. A configuração das redes sustenta-se em práticas sociais de motivação histórica, social e econômica; essas práticas associam-se a características do próprio município de Antônio Prado, que vive um momento de transição entre o tradicional e o moderno, mas que preserva com alguma força o tradicional.

Os jovens pradenses são os promotores da palatalização na comunidade, opostamente aos idosos, o que se confirma na análise dos contatos em rede: em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos. Essa correlação de estrutura da rede, conteúdo da rede e idade auxilia a esclarecer o fato de, apesar da oposição jovens-idosos frente à palatalização (os primeiros, favorecedores, os

segundos, inibidores da regra), os resultados da análise quantitativa não permitirem afirmar que a regra é mudança em progresso em Antônio Prado: não há aumento de frequência entre as duas faixas etárias mais jovens, o que leva a crer que, em índices modestos, a palatalização variável já tenha se estabilizado na comunidade.

O estudo da rede social dos informantes possibilitou não só esclarecer resultados da análise quantitativa laboviana. O esforço teórico e metodológico, que fez dialogarem lingüística, matemática e sociologia, foi realizado para que se pudessem fazer afirmações sobre a palatalização em Antônio Prado em termos de uma cultura regional, essa analisada como prática social. Acredita-se que se tenha alcançado esse objetivo, talvez não com a profundidade que, se já concluídos, atribuiriam à análise o estudo crítico de ideologia das entrevistas sociolingüísticas e a observação participante de comunidades de prática pradenses, ações de pesquisa em andamento. Ainda assim, conclui-se este trabalho considerando-se positivo o fato de ter contribuído para comprovar a pertinência da análise da rede social dos informantes associada à análise de regra variável, e para o conhecimento não apenas de um falar regional, mas da comunidade que o pratica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Marco Antônio B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lingüística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.
2. BATTISTI, Elisa et. al. *Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.
3. BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.
4. BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, n. 32, v.4, p.451-485, 2003.
5. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – vol.1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
6. CHAMBERS, J.K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J.K.;

- TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002. p. 349-372.
7. ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
 8. EVANS, Betsy. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. *Language Variation and Change*, n. 16, p.153-167, 2004.
 9. HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 1990. 292. f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.
 10. LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
 11. _____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.
 12. _____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.
 13. LI WEI. Network analysis. In: GOEBL, H.; NELDE, P.; ZDENEK, S.; WOELCK, W. (Eds.). *Contact linguistics: a handbook of contemporary research*. Berlin: de Gruyter, 1996.
 14. MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
 15. MILROY, Lesley; MILROY, James. Social networks and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*, n. 21, p.1-26, 1992.
 16. MILROY, Lesley. Social networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, p.549-572, 2002.
 17. PAGOTTO, Emílio G. *Variação é identidade*. 2001. 454. f. Tese (Doutorado em Letras- Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
 18. ROVEDA, Suzana Damiani. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. 1998. 81. f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre.
 19. SABBATINI, Mario; FRANZINA, Emilio. *I veneti in Brasile nel Centenario dell'emigrazione (1876-1976)*. Vicenza: Accademia Olimpica, 1977.
 20. SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.

RESUMO: A palatalização das oclusivas alveolares é processo variável que, em Antônio Prado (RS), apresenta uma frequência total de aplicação de 29%. É favorecido por vogal alta fonológica /i/ (a redução de /e/ átono em Antônio Prado é baixa) e jovens habitantes da zona urbana do município. Embora haja um aumento na frequência de palatalização com o declínio da idade do informante, as taxas se estabilizam nas faixas etárias mais jovens, o que leva a crer que a regra em Antônio Prado não seja variação num processo de mudança, mas alternância que tenda a estabilizar-se no sistema lingüístico em índices modestos. A análise da rede social dos informantes revela que a relação em rede de informantes da zona rural de Antônio Prado sustenta o emprego de alternantes conservadoras, no caso, a variante não-palatalizada. Os de zona urbana participam de redes densas, porém os laços interindividuais são menos íntimos, assim menos reforçadores de um falar local, possibilitando o emprego de alternantes menos conservadoras, a variante palatalizada na análise. A configuração das redes sustenta-se em práticas sociais histórica e sócioeconomicamente motivadas, aspectos que também explicam as características do próprio município de Antônio Prado, que vive um momento de transição entre o tradicional e o moderno, mas que preserva com alguma força o tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: palatalização das oclusivas alveolares; análise da rede social dos informantes; análise de regra variável.

ABSTRACT: Palatalization of dental stops is a variable rule which applies at a 29% frequency rate in Antônio Prado (RS, Brazil). Variable rule analysis of data from 48 informants, 24 from the city's urban area, 24 from its rural area, showed that palatalization is favored by /i/ (reduction of unstressed /e/ in Antônio Prado is low) and young people who live in the urban area. In spite of a negative correlation between age and palatalization (palatalization increases as age decreases), which would indicate change in progress, rates tend to stabilize in the two younger groups, pointing to rule stabilization at modest rates in Antônio Prado. Analysis of informants' social network shows that its configuration supports the use of the conservative non-palatalized alternant in the rural area, and the innovative palatalized variant in the urban area: the network is dense in both areas, but informants in the rural area tend to keep a more intimate relationship than the ones living in the urban area. Social network's configuration is based on Antônio Prado's history and socioeconomic structure, which by their turn explain the transition the city is experimenting at the moment from the traditional to the modern, preserving with a certain strength the traditional.

KEY WORDS: dental stops palatalization; informants' social network analysis; variable rule analysis.

Recebido no dia 05 de junho de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 24 de julho de 2007.